

ALGO DE INTEIRAMENTE NOVO: A LINGUAGEM DESLOCADA DO AMOR NA EXCEDÊNCIA DO CORPO FINITO

SOMETHING ENTIRELY NEW: THE DISPLACED LANGUAGE OF LOVE IN EXCESS OF THE FINITE BODY

Susana Vieira¹

RESUMO: Problematizaremos, em “A ave rara” e “O furto”, de Maria Velho da Costa, o amor como eixo que movimenta a existência e supera a finitude resistindo à tentativa de controlar a dor e a morte. Insistem os textos na disfuncionalidade e na ideia de *corpo deslocado*, porquanto sabem que no passo de um amor *inumano* se pode ser ou iniciar a existir. A linguagem de MVC, sendo “lugar e meio de transformação e não [...] meio transparente a um ‘pensamento’”, formula a estética do amor como um fenómeno de contravenção, que *faz explodir* e traça “os lineamentos de uma nova ordem”. Se, experimentado no excesso, o amor distorce a realidade, o que se contempla da realidade permite perdoar o amor em excesso. Suportando teoricamente a análise do texto-corpo numa leitura de Deleuze e Guattari, Levinas e Nancy (entre outros), além de na linha antropológica de Rodrigues, tratar-se-á o amor como uma inclinação do corpo interrompido por fraturas: a dor e a morte.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo-Amor; Morte; Dor; Deslocado; Libertação.

ABSTRACT: We will problematize, in “The rare bird” and “Theft”, by Maria Velho da Costa, love as an axis that moves existence and overcomes finitude, resisting the attempt to control pain and death. The texts insist on dysfunctionality and the idea of displaced body, because they know that in the step of *inhuman* love one can be or start to exist. The language of MVC, being “a place and means of transformation and not [...] transparent to a ‘thought’”, formulates the aesthetic of love as a contravention phenomenon, which *explodes* and traces “the lines of a new order”. If, experienced in excess, love distorts reality, what is contemplated in reality allows forgiving love in excess. Theoretically supporting the analysis of body text in a reading by Deleuze and Guattari, Levinas and Nancy (among others), in addition to Rodrigues’ anthropological line, love will be treated as an inclination of the body interrupted by fractures: pain and death.

KEYWORDS: Body-Love; Death; Ache; Displaced; Release.

¹ Doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade Nova de Lisboa – Portugal. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2445-1215>. E-mail: susanatvieira@gmail.com.

1 MUNDUS CORPUS — UM ENSAIO DA INTENÇÃO ALTERADA

Vem agora o mundus corpus, o mundo como povoamento proliferante dos lugares (do) corpo. (NANCY, 2000, p. 39)

Formulando uma hipótese de leitura acerca da concepção *inumana* do amor nos textos “A ave rara” (volume *Dores* de 1994) e “O furto” (volume *O lugar comum* de 1966), ambos de Maria Velho da Costa (doravante MVC; autora da experimentação, da inovação e da oposição ao instituído, no quadro da literatura contemporânea portuguesa), esboça-se, na presente análise, uma aproximação à problemática do *devir-animal* e da *circulação de afetos* entre heterogêneos, de Deleuze e Guattari. Em concreto, foi a partir do fragmento “é um grito de alarme ou uma mensagem de fuga” (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p. 147) que surgiu a ideia de problematizar o amor como eixo que movimenta a existência e supera a finitude resistindo à tentativa de controlar a dor e a morte do/no corpo.

Por defeito, a sociedade é o corpo onde os sujeitos se relacionam, pressupondo um equipamento manipulador e vigilante. Por defeito também, cada sujeito é um sistema desnivelado de ausências e hesitações. Neste cenário, contudo, há sempre consciências que observam além do expectável, transgredindo a ideia de organização e de previsibilidade. Logo, se o sujeito em dúvida é um elemento desagregado, evidente na sua disfunção, no fomento da individuação torna-se um corpo desagregador. Rodrigues (1979) salienta, no entanto, que o conceito de transgressão desenha-se como responsabilidade dos constituidores do seu sentido repetido socialmente. Assim, mesmo o desvio é uma determinação da sociedade, não a sua escolha, mas uma determinação formada pela necessidade de categoria e por oposição ao funcional: a “patologia dominante é de natureza cultural. As formas de perturbação e desvio são função

de cada sociedade e do tipo de equilíbrio em que se fundamentam” (RODRIGUES, 1979, p. 38).

Já Kosik (1977) concordava que na disparidade entre a consciência do indivíduo e o modo como age, enquanto corpo substantivo no centro de uma sociedade, *nasce o que não se previra* antes — uma distorção do comum. Do texto de MVC nasce a disfunção de um amor *inumano*, sublinhado pela dor (ou consolo) da alteridade, pela necessidade da morte e pela evidência de que apenas dessa forma aporética se pudesse² ser ou iniciar a existir. O seu texto — como um corpo em excesso a partir do qual o amor, por si só, se torna razão da sua existência — reage contra a ideia de emenda do desvio (ou *defeito*), elemento que, embora marginal, é constitutivo da pluridimensionalidade do indivíduo; em seu devir ontológico, o indivíduo não chega a uma “razão” definitiva e convergente. Logo, o propósito de uma superação, não obstante um risco, torna-se algo mais do que ficção.

Reforçando o argumento de Kosik de que essa possibilidade se equilibra quando o indivíduo não pondera a sua existência como consequência irrevogável entre duas extremidades absolutas, um princípio e um fim, o “furto” acontece porque provoca a distopia e torna o seu início único, e a singularidade da “ave” motiva a morte como uma necessidade a evitar, porém, a dissolução. De qualquer um dos modos, projetando a própria existência como fundamento de um mundo significativo, consegue o indivíduo superar a inconstância da sua finitude, como uma argila em processo e denegação da forma. Uma ausência concertando-se na corporificação de uma presença desassossegada.

Em ambos os momentos vive-se o amor no limite — um amor que não é belo nem misterioso; que não é uma realidade transparente nem reflexiva. É antes uma distorção, sem existência numa *superestrutura* dominante e

² A opção pela forma verbal conjuntiva não é despicienda nem descriteriosa; é intencional o imperfeito enquanto manifesto verbal de uma imagem inacabada, bem como o conjuntivo, invocação de uma expectativa.

dominada pela forma de contornos perceptíveis e inequívocos. Disfuncional, o amor entendido assim problematiza o sistema e impõe-se como uma linha de fuga, ao explorar a invulgaridade. Quando na divergência os corpos se movimentam numa tensão de copulação, mesmo que apenas pressentida, o que expressam desmancha o limite clássico da linguagem referencial que, na imperceptibilidade dos corpos impuros que se foram adicionando ou negando em partes, faz sobressair essa “matéria intensa” *não corporal*. Nesse impulso, a linguagem obriga-se a perspetivar os próprios limites de reconhecimento, de modo a libertar-se e a permitir a ruína das formas (sem-forma) demoradas e pausadas. Quanto mais se distinguem, mais se pressupõem, convergindo na *matéria* de um corpo desterritorializado, sublinhado por intensidades e ameaçando o lugar comum.

Justamente pelas dissemelhanças logra-se uma linguagem concordante, o que equivale a uma correspondência entre indivíduos: a mulher e a ave, o corpo presente em fuga e o corpo ausente por-vir. Sendo o indivíduo nomeado por um devir ontológico, sofre no percurso vários atravessamentos, considerados a abjeção que desvia a sua seriação espaciotemporal. MVC formula um corpo-margem que, na sua interação *inumana*, qualquer que seja o atravessamento que o faça deslizar da superfície, revela a necessária linha de fuga. No sentido de uma *involução*, e pela desidentificação, nasce o novo corpo de uma correspondência de afetos que perturbam a sociedade: “As participações, as bodas contra natura, são a verdadeira Natureza que atravessa os reinos” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 309). Deleuze e Guattari classificam esta posição de *anomal*, que, mais que violar a noção e a presença da norma, se decide como um fenómeno volúvel e infixo, *entre* uma linha de fuga e uma desterritorialização, “inspirando uniões ilícitas”. Quase uma sensação. Este interdito é uma figura sem-forma, que sempre se destaca no texto como provocação ao sistema opressor da individuação. Quase uma vibração. Trata-se aqui de uma experiência de refusão protagonizada pelo sujeito-indivíduo, ao

permitir precisamente a redefinição da sua condição antropológicamente humanal. Nesse deslocamento o indivíduo ganha novas faculdades, abrindo-se o momento de deslumbramento em que participamos. Como teremos oportunidade de observar adiante. Por outro lado, no resultado da alienação forçada em relação ao seu estágio genuíno e instintivo, o sujeito nada granjeia; inversamente, demora-se numa transformação *anómala*, ou seja, irregular e afastada da sua singularidade. Entenda-se, pois, que na linguagem de Deleuze e Guattari o *anomal* tanto deriva da progressão natural do ser-animal entretanto transviada, quanto o define no processo implicado e emaranhado do seu retorno.

2 ENTRE O FURTO E A AVE RARA, A INVOLUÇÃO DO CORPO

Na linguagem de Jean-Luc Nancy (2000), o texto *excreve* o corpo, que se encontra no limite, enquanto *túmulo* e expansão da consciência. As mesmas imagens especulam o seu reflexo nos contos em análise, porém com a diferença de que o corpo não está em, e não é sequer, um limite. Pelo contrário, transcendendo e apelando a/à necessidade de uma *borda* — margem que nos delimita entre o antes e o depois, o aqui e o ali, e se distingue como rumo orientador ou limite de um momento disperso — tocável e visível, é ele, quer na passividade da dor, quer na benevolência da morte, a figura da violação e a confirmação de ser “a nossa angústia posta a nu” (NANCY, 2000, p. 8). *Excrito*, o corpo emerge — duplamente: em aparição, desde um cenário toldado, e em emergência, sentimento guardado na sufocação do sujeito — evidente e tocável.

Alargando a análise num complexo associativo, podem os textos fundir-se num longo e infinito corpo *excrito*, que é já fora do texto regulamentar do mundo. Esse corpo, preexistindo ao sujeito, será o seu lugar de existência. O sujeito, em cedência, encontra-se abandonado no seu umbigo, uma *pele dobrada* que pluraliza e intensifica “a abertura, a sepultura ou a boca, uma na outra”

(NANCY, 2000, p. 16), pensando o seu sentimento de deslocado. Mas nesse lugar, que é simultaneamente um momento atravessado por sensações finitas, produz-se também o acontecimento do contacto (com o outro), e o corpo entra em rutura. O contacto faz-se sempre por uma *abertura* do corpo-sujeito: se, por um lado, essa espécie de invasão indicia um movimento de expropriação (ao transigir, o corpo é o *túmulo* que sepulta a consciência do ser), por outro, a contiguidade do eu e do outro expande a consciência e *desdobra a pele* no processo da individuação, concebendo um único corpo, sem os signos claros do princípio e do fim. A *abertura*, sendo a tentativa de um encontro (entre o ser com o ser, ou seja, consigo), é, por definição, um rompimento do corpo, que desfalece (subalterniza-se) ou ressuscita (recupera-se). A morte ou a dor — extremos, *aberturas*, sensações finitas do corpo.

Quando o eu-outro e o outro-eu se experimentam, *excrevem-se*, portanto, num único corpo, sempre atravessado e perplexo; na perturbação observam a insuficiência dos códigos vulgares e ensaiam a derruição das imagens saturadas, do mundo identificado, da linguagem igual, numa palavra, do idêntico. Expõem o corpo fraturado (*aberto*) e deslocado da estrutura sólida e fundacional do sentido. Cada um dos textos-deslocados de MVC não oferece soluções para a formação de um sentimento comum e significativo; antes, presta-se como lugar de existência para o sujeito divergindo que, no seu atravessamento (processo de individuação) e desejo de *desfazer* o mundo admissível, opõe-se ao identificável. Esta posição indica a descontinuidade do sujeito e o nascimento do indivíduo, o corpo dissemelhante, o único possível *ter-lugar* da existência. É este o momento em que o corpo, cômico da sua agma e da deformidade da sua matéria argilar, se torna um devir — uma extensão e uma expansão — libertado, por fim, do *túmulo*. Senão vejamos.

No texto “O furto” (exploração e reflexão sobre o que se destaca em sua despossessão), recuperando a posição crítica de Levinas (1988) sobre o *outro*, oculta-se uma “ordem comum” entre o indivíduo existente (a mulher-mãe) e o

ainda-por-vir, como um sopro fantasmático que se pressente, fundamentado por Walter Benjamim. Essa ordem, ainda suspeitada, consiste em o existente legar a sua posse do mundo ao ainda-por-vir, mas já a acontecer. Entendido assim, vendo “seu corpo segregar algo de inteiramente novo” (COSTA, 1966, p. 55), pode o amor assemelhar-se a uma pacífica renúncia da subjetividade. Nesse ato de desapego em existir para e no outro, infere-se toda a violência que o cerca pelos contornos interiores e, conseqüentemente, um gesto disfuncional de percepção. Em que medida?

O texto-corpo em suspeitada despossessão começa tão calmo como o “fluxo de água” que desce “com brandura do corpo” (COSTA, 1966, p. 55) sem dores e como uma “onda breve e quase muda, sem espuma e vagarosa” que nasce e logo de imediato sucumbe. Nessa brandura a mulher-mãe, “Menos que uma criança, sentia alojado em si um imenso sono” (COSTA, 1966, p. 56), protagonizando, assim, um demorado trabalho de parto onde “ninguém parecia notar que estava ali” (COSTA, 1966, p. 57). Despertando do sono morno e sem mistério, percebemos que “toda a segurança [...] se ia dela e o medo pulsava-lhe” (COSTA, 1966, p. 59) e que “seu parto [apenas] seu [...] [era] aonde a morte é apenas possível e a vida bem provável, essa hora e local de mulheres onde as fardas sem rosto são violação e furto” (COSTA, 1966, p. 59). A *violação* virá das mãos das enfermeiras “cujo objecto [de sua profissão], a carne pesada, desgraciosa, aberta, obviamente não estimava[m]” (COSTA, 1966, p. 60). À medida que o espertamento se revela audaz e forte, vem a “primeira dor” que a deixa “incrédula como se não fora em seu corpo” (COSTA, 1966, p. 61). A seu lado, o homem, na sua forma muda, figura como um dos “preservados da dor essa [...] agonia que não era a partilhar” (COSTA, 1966, p. 61-62).

Não obstante a dor, a mulher-mãe discernia com precisão a importância de não se desfazer da união com o seu corpo reconhecendo, igualmente, o valor da intocabilidade do contorno ou da divisão primorosa, tal como as “suas mãos, do sedoso de um corpo humano, do ovo que haviam

quebrado sem desfazer-lhe a divisão de amarelo e aquoso” (COSTA, 1966, p. 63). Nesse sentido, “Pensou na mansa água em seu corpo e deixou-se ser mansa, enquanto as mulheres iam e vinham pouco cuidando de estar ela ausente ou presente” (COSTA, 1966, p. 62). Com o “demais corpo esforçadamente pacificado e inerte perante a ilha de carne em pesado combate”, “era do sóbrio ar e sóbrio pensamento que retirava a força de cumprir-se sem gritos” (COSTA, 1966, p. 62). Mansamente, volveu os olhos “adentro de seu corpo, presos num ponto, cegos para aquele quarto mas devolvendo-lhe o que fora visto em fêmeas” (COSTA, 1966, p. 63).

A dor aumentava e descia e, no mesmo movimento, ela via a sua força como uma novidade e a sua perscrutação sobre a singularidade de cada objeto observado tornava-se aguda e áspera como se criasse o momento: “O telefone assente nas suas patas curtas, de borracha, silencioso e furtivo, tinha uma dedada sumida no bocal” (COSTA, 1966, p. 64); ou seja, “estava com suas forças tão novas a cada dor suportada com presença [qu]e com ela tudo era ali chamado muito mais” (COSTA, 1966, p. 64-65). A dor aproximava-a do mundo e, pela primeira vez, do sentido: “Não tanto as palavras, mas a justa adequação delas a tudo o que escolhia, ou se abandonava a considerar, ganhava uma qualidade de inteireza pesada, de revelação” (COSTA, 1966, p. 65). Ela caminhava na direção da “posse da sua dor que a alargava toda” (COSTA, 1966, p. 65), porque nesse percurso, testemunhando o mundo, “Já não desejava a cova funda da fêmea” (COSTA, 1966, p. 65), pois continuaria.

Revelado o mundo, a mulher-mãe invocaria o homem da sua “submissa ausência” (COSTA, 1966, p. 66) à presença do acontecimento, para que lhe pautasse o ritmo, porque “a dor era na pungência máxima e tudo tinha que estar fixo e silencioso, a não ser o ar como um vento leve que devia passar em ritmo curto e fresco na boca” (COSTA, 1966, p. 65). Ilusão, fantasia ou facto, ele

[...] sabia que ali nascia e era a mesma sanha que levanta as represas, que se consuma em líquidos ardentes lá onde começa o aço, a mesma seriedade suada que dilacera premindo um só botão a pedra onde a mina se abre, o mesmo alargar de pupila que se debruça no laboratório sobre a outrora invisível partícula de morte, a mesma surda paz do braço que se não move até que lhe seja reconhecida a dignidade do corpo erecto a que pertence (COSTA, 1966, p. 66).

Contudo, sobrevém novamente o “retorno da separação e da vergonha” (COSTA, 1966, p. 68) e a mulher-mãe é encaminhada, sob “Sinais de ameaça” (COSTA, 1966, p. 69), para a sala do médico, um corpo inconstante “que não entende dor, nem sabe mortes, das mãos tão ligeiras que a carne se intimida de existir não como ar” (COSTA, 1966, p. 70). Embora insistindo que não a sedassem, “Calou-se ela fiel à dor que descia funda e orientada agora para arrancar de si o que lhe parecia ser um acrescentado troço de alma” (COSTA, 1966, p. 71). Assim o “sanguíneo tão claro do interior de suas pálpebras era povoado de rostos entumecidos em esgares, suspensos numa infundável e concertada rotação e todo o imenso ruído era um só e abafado, continuado gemido cavo” (COSTA, 1966, p. 73). A contragosto, era-lhe oferecida “a plácida ausência e mais não acontecera que perder ela sua dor viva para tornar-se presa [...] de uma dor outra [...] como se fora parcela do início do que existe” (COSTA, 1966, p. 74). Ausente e dentro do seu corpo adormentado, sabia-se derrotada e confinada a uma dor ainda sem nome, porém secular, a da inexistência, que (a) perpetuaria e que

[...] nem resgate era, apenas interminável visita à agonia intacta e inteira, que o resgate não o é sem morada, sem acordada pele, sem local de saber-se. Não sabia que retorno, se retorno teria para seu filho [...] Da obreira confiada que se quisera, tudo lhe havia sido furtado (COSTA, 1966, p. 75).

Do outro lado da sala e do tempo, as mulheres da família recuavam “às trevas esquecidas e amargosas de seus partos [...] caseiros, gritados, morosos, singularíssimos” (COSTA, 1966, p. 76), comocionadas com a que jamais saberia

do medo, do sangue, do “desgarrador grito único logo seguido do vagido vibrante” (COSTA, 1966, p. 76).

Em todo o momento que precede a chegada do ainda-por-vir, antevê-se que o parto fará o corte entre os dois, causará a desunião. Momento de rutura que sublinha a linha “entre” algo em que ambos se encontram desde sempre. A mulher-mãe vai abrindo a consciência para aceitar o outro e entender a própria alteridade — pois será também um outro —, até à dissolução, *in-corporada* na rendição à desigualdade constitutiva da desidentificação, condição de todo o indivíduo. Torna-se perceptível a relação de desumanidade que protege cada um em seu casulo, *i. e.*, a aceitação do outro não se satisfaz como amor, mas como dolorosa necessidade. Nesse sentido, ao não determinar um destino que pressupõe uma ligação a um início, liberta-se. Se não há pressuposição, o outro constitui-se igualmente como uma possibilidade de si, confirmando que “a fecundidade não é causa nem dominação” (LEVINAS, 1988, p. 256). Sob este aspeto, o indivíduo “produz-se como múltiplo e cindido em Mesmo e em Outro” (LEVINAS, 1988, p. 247), transcendendo-se e ao limite da sua natureza, e alcançando finalmente a verdade da existência e a própria liberdade. Assim, mais que uma cessação, está no outro — corpo em condição imperceptível, ainda — a sua fuga: “os olhos [...] volvidos adentro de seu corpo, [...] cegos [...] mas devolvendo-lhe o que fora visto [...] Olhos para ver ainda o jamais visto, o suspeitado mundo do lado de dentro da pele de imensos líquidos” (COSTA, 1966, p. 74).

Tal como a ave exerce o seu domínio sobre a mulher, pela insubordinação, o filho tem o mesmo efeito sobre a mãe, no confronto com o próprio eu que é um estranho a si-mesmo, não sendo possível nesse reconhecimento o regresso. Quem espera observa o próprio corpo num movimento de *invólucão*, enrolando-se para dentro de si e tocando-se num estado de pura percepção da sua natureza: “perder ela sua dor viva para tornar-se presa [...] de uma dor outra [...] [(insistimos)] como se fora parcela do início

do que existe [...] nada do que era seu lhe ficara senão aquele peso do testemunho e da reflexão” (COSTA, 1966, p. 74).

No evento imoral do nascimento, em que o corpo ainda-por-vir se apresenta *imundo*, *i. e.*, sem lugar na senha do mundo, a nomeação destina-se primeiramente “a promover a sua transição do estado de Natureza para o estado de Cultura” (RODRIGUES, 1979, p. 85). Porém, também se dá uma promoção de outra ordem, o de edificação da mulher-mãe, o criador-criatura, corpo deslocado fazendo nascer outros corpos, que funciona “como perturbador dos sistemas sociais de classificação, uma vez que é um ser da Cultura [...] submetido a processos naturais que escapam aos esforços que o aparelho cultural dispense para controlá-los” (RODRIGUES, 1979, p. 86), não obstante o congraçamento se assinar pela punição que a si mesma acomete. O corpo *imundo* torna-se um possível porque o criador-criatura, o “ser da Cultura”, existe para expulsá-lo. Há, nessa deslocação, o anúncio de uma maior vulnerabilidade: a impotência de uma *superestrutura* habituada a alimentar corpos comuns e dirigidos. Impotência, porquanto, num mundo de “condenados à não identidade, à explosão e à dissolução no múltiplo” (COSTA, 1994, p. 63-64) em que a dissonância é a arma forte do ser, o testemunho da individuação legitima-se e compensa-se numa suspensão e num espaço a-referencial e atemporal, “onde o buraco tudo absorve até aos seus próprios bordos” (NANCY, 2000, p. 74).

Não esqueçamos, no entanto, o quase desdém alimentado pelas mulheres da família ante a que não *desgarrou* o grito. Esse *não-saber* seria para sempre a “culpa maior” (COSTA, 1966, p. 75) que a levaria a remoer “a mágoa de não haver estado com ele desde o início” (COSTA, 1966, p. 77), ele — o filho, o

Corpo de lãs e panos leves, peso de ninho cheio e cálido, punhos vermelhos de unhas como escamas de peixe vivo junto ao queixo

redondo como a polpa do polegar dum homem terno. Penugenta a cara tão pequena, as fendas dos olhos túrgidos e a boca firme em seu diminuto aperto, e o todo de um tenaz amuo, mais sóbrio que risível, mais sereno e determinado, que indefeso ou expectante. «Um ser humano, um ser humano» e a água vinha-lhe agora quente dos olhos (COSTA, 1966, p. 76-77).

Por seu lado, n^o “A ave rara”, a ordem, determinada pela semelhança, será um passo natural a justificar a emergência de um *devoir-animal*. Na sua causa está precisamente a *superestrutura* que impede a correspondência entre heterogêneos, logo o processo de individuação. No mesmo sentido, obstaculiza a “circulação de afetos” (DELEUZE; GUATTARI, 2007) — linha de fuga desejada.

Apresenta-se esse “A ave rara” como um texto-espaco conduzido, também ritmadamente, pelas ligações frustradas que a mulher (“alguém que nunca fora, nunca seria, nada na vida” (COSTA, 1994, p. 28)) tenta com a mãe e com o homem. Se com a progenitora, promotora da sua insuficiência, vive um relacionamento de “extorsão, regime do ódio” (COSTA, 1994, p. 28), sem “nenhum cordão de umbigo, antes a fita métrica de uma trela extensível” (COSTA, 1994, p. 29), com o homem partilha “o assédio do luto, do inexorável, que já não poderiam erigir: prazeres, arranjos comuns, casas” (COSTA, 1994, p. 27).

Entre todos, na espera demorada e suplicante de um telefonema (de uma voz), o tempo aperta o corpo devagar, mas sofrivelmente, como um garrote. São agora todos velhos (ou quase, como um caminho desarrumado) que “brincam às bonecas de nós, de novo” (COSTA, 1994, p. 28), vestindo e despindo o corpo, fartando “essa fome de si no corpo outrora expelido” (COSTA, 1994, p. 28), enquanto “outros sorriam com enlevo a uma tal apropriação tadia das manifestações do seu corpo” (COSTA, 1994, p. 28).

A insatisfação das expectativas e os relacionamentos humanos fracassados (antes “Morressem ambas sós como um cão. Cães, cãs, a asseverarem uma à outra a terribilidade do tempo” (COSTA, 1994, p. 28))

empurram-na a comprar o pássaro azul, uma espécie “sordidificada, apática à proximidade de gatos enjaulados e esterco de outros animais, luz de néon, vozear” (COSTA, 1994, p. 30), que “também era verde-água, musgo, turquesa, vermelho-vivo, roxo, púrpura, ocre, rosa-cíclame” (COSTA, 1994, p. 30). Inebriada pela alegria da *adoção*, janta com a mãe na noite em que “Não parecia haver rancor, nem luto (COSTA, 1994, p. 31), e sabendo que “A beleza tremenda e delicada do animal esperava-a” (COSTA, 1994, p. 31).

Nessa mesma noite, em que nada menos que exaltação se esperava, ao pássaro, também velho que “nem fora amado” (COSTA, 1994, p. 31), quis a mulher que experimentasse o prazer das asas livres. Mas o pássaro, magoado e não aquiescendo às tentativas profanadoras que o lançavam no projeto do voo, procurou defender-se até ambos se cansarem do jogo desigual. Em cada tentativa, a mulher “Celebrava o interregno da crueldade da mãe, da indiferença, de tudo” (COSTA, 1994, p. 31). De olhar desconfiado e “bico aberto a gestos dela” (COSTA, 1994, p. 32), o pássaro “Manquejava para longe da expectativa do mal daquelas mãos” (COSTA, 1994, p. 32), até que foi cedendo à dor e ao fechamento das suas asas pela mulher (“A fadiga não é a confiança” (COSTA, 1994, p. 32)) que, dentro da sua dor, o embalou e decepcionou a sua cabeça. Com a pequena cabeça do animal na sua mão esquerda, como se segurasse emocionada um grande olho azul ou o sentido da alvura verdadeiramente real, ligou ao homem e disse-lhe que não mais o veria porque estava cega.

O *devoir-animal* resulta em deslumbramento e aflição, pela impossibilidade do desejo, projetando a imagem de declínio que provoca o indivíduo na linha estriada da fuga. A mulher e a ave são um único e mesmo corpo pressupondo a raridade do acontecimento simbiótico. Antes de “ver o pássaro e ser vista dele” (COSTA, 1994, p. 30), “dormia dentro do corpo” (COSTA, 1994, p. 29) “uma tristeza destruída [...] a de já não poder cumprir tarefas que alegrem. [...] O ser dela tinha ficado destituído dessa qualidade que vibra, a curiosidade” (COSTA, 1994, p. 27).

A *involução* dissolve os corpos até se tornarem uma matéria impalpável, apreendida apenas na “circulação dos afetos”. Na tentativa de se libertar encontra-se prisioneira dessa circulação: “o próprio amor é uma máquina de guerra dotada de poderes estranhos e quase aterradores” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 354). Como solução segura, resgata a ideia de se situar na linha envolvente, *entre* o centro e o espaço de fora esvaziado: “Ficou a ver o pássaro”; “A beleza tremenda e delicada do animal esperava-a”; “Olhava-a com curiosidade fria, despudorada agora, mas aguardando pudor [...] Desistia de alguém” (COSTA, 1994, p. 31). Libertando-se dos pontos de sustentação maioritária, liberta-se justamente do plano canônico de representação do mundo formado, onde “«Não existo»” (COSTA, 1994, p. 31), e torna-se uma linha “mutante” numa *superestrutura* de dominação. Tão depressa assistimos a uma inversão de planos: a *infraestrutura* abala essa *superestrutura*, lançando-se, em processo disfuncional, numa atitude que vai dominando o já dominante —

Os elementos, que provêm [...] de ideologias antagônicas ou que, devido ao seu valor gnoseológico intrínseco se identificam com elas e são [...] irredutíveis à ideologia dominante ou às normas que ela impõe, não podem manifestar-se abertamente, mas unicamente por uma distorção significativa das normas em vigor (VERNIER, 1977, p. 130-131).

Assim, ela

[...] quis fazê-lo voar [...] lançou-o ao ar, uma [...] e outra vez [...] a uma velocidade de vertigem [...] O pássaro levantava-se lançado, caía, arquejava. E começou a defender-se [...] bicava-a e coxeava já. Caiu-lhe arfando no peito, as asas inermes [...] Ensimesmado na dor. Toda a sua beleza estava por terra. [...] olhava e estremecia se ela se aproximava, e chorou. Pensando [...] que só se chora assim, sem termo, quando se tem a quem (COSTA, 1994, p. 31-32).

A “circulação dos afetos” é interrompida quando a mulher põe as mãos, segmento de si, na morte do animal: “Uma torção e a cabeça ficou decepada. O corpo estremeceu [...]. Muito pouco sangue. [...] as duas peças do pequeno cadáver nas mãos. A cabeça, o corpo” (COSTA, 1994, p. 33). Não se realizando a fuga, o tensionamento percebe como provável a linha se desviar na direção da morte. Esta, operando uma metamorfose, estabilizaria as superfícies do corpo e recuperaria os seus limites, vicissitude impossível pelas inclinações e aspirações conscientes do indivíduo: “Decapitada, a ave era ainda de uma beleza [...] exultante [...] abriu as mãos que só retinham duas fracções do caos da sua vida [...] [e] disse alto [...] que o rancor de Deus pelas suas criaturas é de morte” (COSTA, 1994, p. 34).

Se o corpo é “o mais natural, o mais concreto [...] patrimônio que o homem possui” (RODRIGUES, 1979, p. 47), o assassinato da ave compromete a mulher numa abordagem explícita daquilo que intimamente não quereria revelar. Do mesmo modo que o nascimento, a morte funciona como um fenómeno ectópico, deslocando o corpo da sua responsabilidade de apropriador. A interrupção desagrega o corpo de um domínio e, novamente, torna-o *imundo*, fora do mundo. Rodrigues discutiria antropologicamente este outro extremo constituinte do corpo como símbolo de uma ameaça às bases da sociedade, ao desnudar a sua falha — a sua finitude.

Numa perspectiva pontyiana, o eu e o outro implicam-se num mesmo pensamento, como se de cada um fossem o prolongamento ou extensão na relação com o mundo. Quando tal não é possível, porque o ser recua nesse sistema e recusa o outro (corpo de si estranho), o corpo igualmente se retrai, sentindo que a recuperação só ganha vantagem no desejo de morte por esse outro — no fundo, por si mesmo, em piedade. Reconhece, pois, que as suas intenções não estão no outro, não podendo refazer uma imagem de reconciliação. Mas, em vez de controlar a imagem do corpo fragmentado, a morte (tal como o nascimento) acentua a dependência do outro no resgate de si

como sujeito estável e portador de identidade. Apesar de provocar a cisão — e sobretudo por isso — a discórdia gera o reconhecimento dos corpos e, muito especialmente, a ideia de conforto que o outro transfere, por se sinalizar enquanto objeto de referência. Questões que a sua natureza argilar, disfuncional, deslocada denega, mas, continuamente, renova. O corpo é sempre uma *abertura*.

Recuperando a epígrafe (“o mundo como povoamento proliferante dos lugares (do) corpo” (NANCY, 2000, p. 39)), pelo comentário presente, depressa se conclui que ambos os textos amparam o argumento de uma mundialização dos corpos sempre em partida, *abertos*. O imaginário do corpo densifica e torna consistente o discurso do sobrevivente — aquele que, quer pela dor, quer pela morte, na abordagem textual, longe de se materializar, imune ao que decorre além desse espaço, se infringe, significando uma nova consciência, e desse modo se situando, pela desfixação, no abismo da realidade — momento fino do corte com a saturação dos significados —, abrindo passagem ao desvão, lugar do real sentido. Mas se a imagem converge numa réplica garantidora ou orientadora de pontos ilusoriamente esparsos, no momento da fenda fraturante e da desfixação, o vocábulo *imaginário* perde o seu valor, a sua justificação, porquanto não é de grupo, ou de um atravessamento em grupo que se trata, mas de uma ectopia ou deslocação de lugar no, e do, próprio corpo que o sujeito agencia. Talvez que pela cedência, nos extremos aqui tratados, o corpo exceda a condição finita e reste pensamento sobre o que fica, mas não está.

O corpo, removido de um princípio normativo (e normalizante) afeto a uma estruturação consistente, não está mais destinado e distribuído a um lugar no mundo. O seu lugar é apenas recitado e nessa anunciação expõe-se um corpo extenso (que cresce e aumenta) e expansivo (que se dissemina) vindo à presença de si e no qual se dá o acontecimento da sua existência, uma existência que “nunca acaba [...] é [...] ritmo dos corpos nascendo, morrendo, abertos, fechados, fruindo, sofrendo, tocando-se, afastando-se” (NANCY, 2000, p. 63),

por outras palavras, “um corpo [que] não tem antes nem depois, nem fundação nem superestrutura” (NANCY, 2000, p. 95), a consistir em tocar em outras substâncias.

3 ALGO DE INTEIRAMENTE NOVO — A LIBERTAÇÃO DO CORPO-INDIVÍDUO

Ambos os textos são uma indagação sobre o indivíduo. No processo de individuação, decorrente de o sujeito se libertar da sua condição de semelhança ou subordinação, percebe-se uma intensidade que, na perturbação de se deixar afetar, evolui a partir de outras intensidades para resultar no corpo informe e não finito. Apenas dessa forma relacional e imprevisível se define o corpo-indivíduo. Porém, e tal como Deleuze e Guattari assinalam, não será demais lembrar que se trata de uma *involução*, em que os indivíduos, resistindo à dissolução total do seu evento acontecimental, tornam possível uma linha de fuga que os salve, porquanto o amor faz o indivíduo perceber que apenas pervertendo o comum se completa.

A linguagem de MVC, sendo “lugar e meio de transformação e não [...] meio transparente” (VERNIER, 1977, p. 103), formula a estética do amor como um fenômeno de contravenção, que infringe a regra, permitindo a sua experimentação no excesso e distorcendo a realidade. Porém, o que se contempla da realidade permite perdoar o amor em excesso e, como um sistema que pacifica o lugar onde a distorção pode ser devida, fundamenta esse mesmo desvio. O amor pode ser vivido como uma intenção alterada, suportando para o efeito signos manipulados — a dor ou a morte, nomeadamente. A morte corrige e justifica o recalçamento; o corte que provoca a dor desloca a razão.

Ambos distinguem pelas extremidades corpos (quando “Roubados os limites de sua carne” (COSTA, 1994, p. 74)). E ambos revelam o *in-comum* desses corpos

Tanto queria ser com seu corpo, não aceitar essa dor que se desconhece [...] que abandona o lugar que habita para [...] ser [...] o protesto dos condenados à não identidade, à explosão e à dissolução no múltiplo, esse travo insípido da morte que é ser apenas [...] a única chaga do mundo (COSTA, 1994, p. 63-64).

Será o amor, vivido na sua inclinação disfuncional, a regenerar o radical existente, no caminho da libertação do indivíduo e dessa forma, *inteiramente nova*, a exceder a sua finitude. Assim, pela análise se percebe que nesses dois momentos, ou duas formas de amar, traveste-se a figura que o classicismo idolatrava, *i. e.*, ao invés de se resistir à dor e à morte, resiste-se à tentativa de controlar a dor e a morte. Os textos vivem uma experiência de corpo e a “Experiência não é saber, nem não-saber. Experiência é travessia, transbordo, transporte incessante de um bordo ao outro acompanhando o traçado que desdobra e limita uma arealidade” (NANCY, 2000, p. 110). Se é lugar de existência onde a dor e a morte se pasmam — e se tocam numa *involução* —, pode o texto ser o corpo não finito. O movimento mais inesperado que nos desloca. A nossa superação. Sem esquecer que o ser é, no corpo do mundo, “a única chaga” (COSTA, 1994, p. 64), aporia exausta e sempre aberta.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Maria Velho da. *O lugar comum*. Lisboa: Morais Editora, 1966.
- COSTA, Maria Velho da. COELHO, Teresa Dias. *Dores*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. *Mil planaltos: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- KOSIK, Karel. *Dialéctica do concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Torfíbio. Lisboa: Dinalivro, 1977.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Vega, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

VERNIER, France. *A escrita e os textos: ensaio sobre o fenómeno literário*. Trad. Lucília Maria Almeida e Noémia Ariztía. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

Recebido em 13/07/2020.

Aceito em 13/11/2020.